

Logradouros Atuais – F, G

FÁBRICA, bairro

O bairro da Fábrica deve o seu nome à Cia. Fiação e Tecidos Leopoldinense, fundada em 1925 por José Ribeiro dos Reis, Gabriel de Andrade Botelho e a firma Ribeiro Junqueira, Irmãos e Botelho, representada pelo Dr. Ormeu Junqueira Botelho. Originalmente seu nome era bairro Industrial. Surgiu com as quase 300 casas construídas para os operários da fábrica.



Abrange, entre outras, as ruas Antônio de Oliveira Guimarães, Costa Montes, Helena Junqueira Bastos, José Renê do Vale, Leopoldina Mendes do Rosário, Maria Rosa Crespo, Omar Junqueira Bastos, Mercedes Ramos Cerqueira, Romualdo Joaquim de Souza, a praça Aristides Badaró, o beco Ananias Serafim, além das travessas Belarmino Ferreira da Costa e Job Figueiredo.

FAJARDO, rua

(Cemitério) – Começa na praça São José e termina no trevo para Cataguases.

Homenageia a numerosa família Fajardo que foi grande proprietária de terras no município, principalmente no distrito de Piacatuba. Dela destacamos, dentre outros:

- Joaquim Honório de Campos, que recebeu o título de Barão do Rio Pardo e foi vereador em Leopoldina, era pai de José Fajardo de Mello.
- José Fajardo de Mello foi Presidente do Conselho Distrital de Piedade e integrante do Conselho Municipal de Leopoldina, em fins do séc. XIX e princípios do século passado. Foi, ainda, conselheiro, vereador e membro da subcomissão distrital que recrutou os voluntários, locais, para a Guerra do Paraguai. José era pai de Olivier Fajardo de Mello Campos, que é nome de rua na cidade.

Além destes, outros Fajardos merecem ser também lembrados. Os tios de Olivier, major Francisco Fajardo de Mello Campos, o coronel Roberto de Souza Almada, que era Fajardo por parte de mãe e o seu sogro e tio, Joaquim Fajardo de Mello Campos.

Ver mais, em Olivier Fajardo de Mello Campos.

FÁTIMA, bairro e vila

O bairro de Fátima compreende as ruas que ficam entre a avenida Getúlio Vargas e a Pinguda. Teve o seu início com a construção de casas para os operários da fábrica de tecidos, o que fazia dele uma continuação do bairro da Fábrica. No passado era geralmente conhecido como Coréia.

Abrange, dentre outras, as ruas Álvaro Botelho Junqueira, Amanda Fonseca, Américo Dutra Medina, Antônio Frederico Ozanam, José Antônio Lamoglia, Carlindo de Alvarenga Mayrinck, Farmacêutico Durval Bastos, Gentil Pacheco de Melo, João Vicente Locha, Optato Lacerda França e Professor Haroldo José Bastos Freire.

Vila (Fortaleza) – A vila Nossa Senhora de Fátima, segundo a planta cadastral básica da prefeitura, fica no bairro Fortaleza, à esquerda da BR-116, no sentido de quem segue para Laranjal, um pouco antes do IDAL (Instituto de Desenvolvimento do Adolescente Leopoldinense).

O nome do bairro e da vila tem origem na cidade de Fátima, em Portugal onde, a 13 de maio de 1917 aconteceu a primeira das seis aparições da Virgem Maria aos videntes Lúcia, Francisco e Jacinta, o que levou aquela cidade a tornar-se um santuário a partir daí.

FELICIANA DA COSTA AGUIAR, rua

(Vale do Sol) - A lei nº 3.399, de 2002, dá denominação à via pública que no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua H, tem seu início na rua José Pinto da Silva e finda na rua Oriel Barbosa.

FÉLIX FARAGE, praça

(Centro) – É a praça que fica em frente ao parque de exposições. Recebeu este nome pela lei nº 1956, de 04.02.1988.

Nesta praça morou o homenageado que foi comerciante no ramo de aguardente. Seu nome completo era Félix Chaim Farage. Foi casado com Carmem Macieira e deixou os filhos Maria José e José. Este, comerciante no ramo de vidraçaria.

FÉLIX MARTINS, praça

(Centro) - É a praça central da cidade. É também conhecida como Parque Félix Martins. Foi, durante muito tempo, o ponto de encontro da maioria dos leopoldinenses. Na década de 1960, ali estava o cinema Brasil, a rodoviária, o final dos trilhos da estrada de ferro da Leopoldina, o fórum e as residências de algumas personalidades.



Cine Brasil



Fórum



Antigo Coreto



Palmeiras imperiais outrora existentes na Praça.



O nome de Félix Martins lembra o doador do terreno para a construção da praça.

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890 diz que o sétimo quarteirão compreendia a parte do povoado que ficava do largo capitão Félix Martins até a subida da serra, passando pela chácara do João Lourenço Ferreira de Lacerda, rua Dr. Vasconcelos até a casa de Francisco Vargas Correia.

Segundo Barroso Júnior ele foi delineado e executado pelo superintendente dos serviços urbanos, Dr. Osório Resende Meireles. Na administração do Dr. Carlos Luz, foi remodelada. Em 1962, no governo de Zequinha Reis, construiu-se a concha acústica e na administração do prefeito Dr. Joaquim Furtado Pinto, patrocinado pelo Lions Clube da cidade, recebeu o mural e outros melhoramentos.

O jornal Novo Movimento, de 09.10.1910, fala do lançamento da pedra fundamental do edifício do fórum e cadeia, no Parque Félix Martins. A Gazeta de 01.01.1911 diz que naquela época estavam sendo feitas as fundações do fórum e cadeia.

Ali já funcionou a rodoviária, um cinema (Cine Brasil) e a Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina, onde hoje está o Shopping LAC. Na sua lateral paralela à rua José Silva, corriam trilhos da estrada de ferro, utilizados na manobra das composições.

No lado oposto ao do atual Shopping, ficavam as residências de várias personalidades leopoldinenses.

Numa reforma ocorrida na da década de 60 suprimiu-se dela um antigo coreto, de tão belas lembranças, onde apresentavam-se bandas e as crianças brincavam sob as vistas de seus pais.

Quanto ao doador do terreno onde encontra-se a praça, Felix Martins Ferreira, o terceiro do nome na família, era fazendeiro em Angustura, na fazenda Araribá, onde nasceu em 1852, filho de Joaquim Martins Ferreira e Maria Esméria de Carvalho. Seu pai nasceu a 15.12.1806 em São João del Rei, filho de Felix Martins Ferreira e Ana Gonçalves da Cruz. Sua mãe nasceu na fazenda das Pedras, em Quatis, Barra Mansa, RJ. A família Martins Ferreira teve papel de destaque não só em Angustura como em Leopoldina. Os filhos do casal Joaquim e Maria Esméria atuaram de forma decisiva no processo de substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalhador livre, através do Club da Lavoura, fundado em 1884.

O bisavô paterno de nosso Felix Martins, André Martins Ferreira, nasceu na Freguesia de Santo Aleixo, Bispado de Coimbra, Portugal. Casado com Maria de Souza Monteiro, filha de Mariana de Souza Monteiro, natural de Olinda, PE e do português da Freguesia de São João Batista, Vila Areias, Concelho de Barcelos, Braga, radicou-se em Cassiterita, MG.

Félix Martins, em 1876 e em 1881, foi eleito vereador em Leopoldina. Foi casado com Heliodora Pinheiro Corrêa de Lacerda citada em alguns locais como filha de Francisco Pinheiro Corrêa de Lacerda. No entanto é o irmão dele, Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda que aparece como pai da menina Heliodora, nascida 07.01.1858 e batizada no dia 20 de março do mesmo ano.

FERNANDO NOVAIS DE OLIVEIRA, rua

(Pirineus) - A lei nº 246, de 21.07.1956, dá o nome de Fernando Novais de Oliveira a uma rua da cidade.

Fernando Novais foi comerciante em Leopoldina, incentivador das obras vicentinas e um dos responsáveis pela construção das casas da vila São Vicente, no bairro Pirineus, destinadas a abrigar viúvas pobres. Na década de 1940 exerceu o cargo de juiz de paz.

FERREIRA BRITO, rua

(Três Cruzes) – É a via principal do bairro e corre paralela ao leito da BR-116. Foi nominada pela lei nº 1.282, de 18.08.1978.

Ferreira Brito é como Barroso Júnior se refere a Joaquim Ferreira Brito, proprietário da fazenda da Cachoeira e um dos primeiros doares de terras para a formação do povoado.

Foi ele o doador das terras onde se ergueu a Casa do Rosário, local onde está hoje a igreja do mesmo nome. Sua primeira doação de terras ocorreu a 01.06.1831 e a segunda, em 20 de novembro do mesmo ano.

Em 1831 era um dos maiores proprietários de escravos do então Curato de São Sebastião do Feijão Cru. Senhor da fazenda da Cachoeira, recebeu a visita do Padre Manuel Antonio Brandão em 1831, o qual lhe sugeriu que doasse terras no vale ao pé da Capela de São Sebastião para a formação do patrimônio do padroeiro. A escritura da primeira doação, em 01.06.1831, apresenta como redator o escrivão interino Antonio Rodrigues Gomes.

Há dúvidas quanto à utilização das duas doações efetuadas por Joaquim Ferreira Brito. Tudo leva a crer que a primeira destinou-se a ampliar o espaço destinado à construção da capela de São Sebastião. A segunda doação, por constar que foi reservado "um trato de terra" para a edificação da casa do Cura, permite concluir que refere-se ao terreno onde foi construída a Casa do Rosário e, posteriormente, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. No Arquivo do Fórum de Leopoldina pode-se encontrar a escritura datada de 20.11.1831, onde Antonio Rodrigues Gomes aparece assinando pela esposa do doador, Dona Joana.

De acordo com documentos do antigo Cartório do 2º ofício de Leopoldina, no meio fio do teatro Alencar, situado na antiga rua Municipal, hoje Cotegipe, encontra-se o limite das três fazendas, na forma do vértice de um triângulo: para o lado da Catedral a fazenda da Grama, formada pelo Alferes Bernardo José da Fonseca; para o lado do Rosário, a fazenda da Cachoeira, de Joaquim Ferreira Brito; para o outro lado, a fazenda do Desengano. Há que se esclarecer que a fazenda da Grama aparece também como sendo de propriedade de João Gualberto Ferreira Brito, filho de Joaquim Ferreira Brito e genro do Comendador Manoel Antônio de Almeida.

Ver Joaquim Ferreira Brito e João Gualberto.

FILOMENA, SANTA, rua

(Catedral) – Liga a rua Plóbio Cortes de Paula à praça Professor Ângelo. Era conhecida como "Caminho do Meio". A parte desta rua que ia da praça General Osório até a escadaria de acesso ao Hospital, recebe hoje o nome de rua Plóbio Cortes de Paula.

A lei 163, de 09.11.1951, diz que "passa a denominar-se rua Santa Filomena, a rua que parte do largo General Osório, atravessa a rua Padre Júlio vai até a praça Prof. Ângelo, nesta cidade."

Nesta rua está a Fundação Albergue Major Zeferino, que recebeu este nome em homenagem a seu fundador, antigo fiscal de tributos federais.

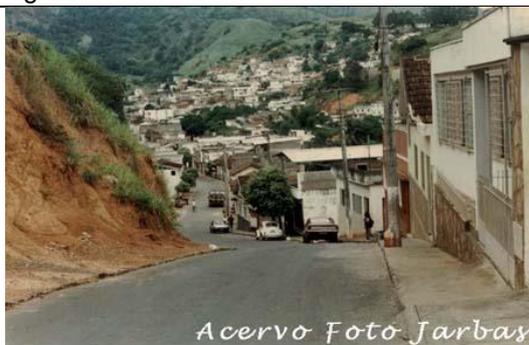
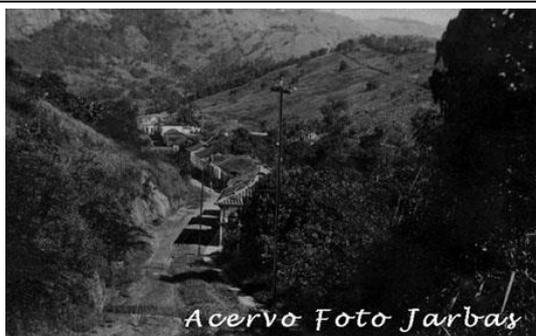
Santa Filomena era filha de um rei da Grécia, e sua mãe era também de sangue real. Seus pais eram pagãos e aceitaram o batismo cristão por conselho de um médico palaciano de nome Públio que lhes falou da fé no Deus único. Depois disso nasceu-lhes a filha que foi chamada de Lumena, ou seja, luz, por ter nascido à luz da fé. Na pia batismal deram-lhe o nome de Filomena, isto é, Filha da Luz. O Papa Gregório XVI, tendo recebido o parecer favorável da Sagrada Congregação dos Ritos à canonização de Santa Filomena, elevou-a à honra dos altares, instituindo ofício próprio para o culto e a festa, proclamando-a 'A Grande Taumaturga do Século XIX', 'Padroeira do Rosário Vivo' e 'Padroeira dos Filhos de Maria'.

FLAUZINA CHAIM, rua

(Praça da Bandeira) – Começa na avenida Humberto de Alencar Castelo Branco.

Flauzina Chaim era proprietária da chácara do Chaim, que existia onde está localizada esta rua. Antigamente o local era conhecido como Vila Betel. Antigos moradores de Leopoldina dizem que era irmã de Félix Farage.

FLORES, rua



(Centro) - É a antiga rua do Buraco, à qual nos referimos no capítulo sobre os antigos logradouros, nome que ainda permanece na memória de muitos leopoldinenses. Em 1890 já é citada como sendo rua das Flores. Liga a Marechal Deodoro à rua Lucas Augusto.

Em 1973, pela lei nº 867, de 24 de janeiro, teve seu nome alterado para rua Ranulfo Matola de Miranda mas logo em seguida esta lei foi revogada, permanecendo a denominação anterior.

Ver rua do Buraco, em Logradouros Antigos.

FORTALEZA, bairro

Este bairro vem crescendo nas terras da fazenda Fortaleza, nas margens da BR-116, vizinho do bairro das Três Cruzes. Nele está a rua Heleno Tavares Rezende.

A fazenda Fortaleza foi formada por João Gualberto Ferreira Brito e já existia em 1856. Em verbete próprio falamos deste que foi um dos antigos povoadores do Feijão Crú e que exerceu intensa atividade política na cidade. Descendentes de seu primeiro casamento com uma filha de Manoel Antônio de Almeida foram os primeiros moradores dos atuais bairros Fortaleza e Três Cruzes.

FRANCISCO BARBOSA LIMA, rua

(Centro) – É um dos lados da praça João XXIII, junto à rua Presidente Carlos Luz.

Homenageia o grande empresário e comerciante, geralmente conhecido por Chiquito, proprietário da antiga Serraria São José e de boa parte das edificações desta rua.

FRANCISCO DE ANDRADE BASTOS, rua

(Centro) – Liga a praça Átila Lacerda da Cruz Machado à rua Costa Montes. Recebeu esta denominação com a lei nº 1172, de 04.03.1977, do vereador Joarês Sílvio da Costa. Era o caminho natural do centro para a fazenda da Floresta, razão porque ficou conhecida e foi batizada com o nome de rua da Floresta. Além disto, nela, em 1925, foi construída a residência do cel. Francisco de Andrade Bastos (Chico Bastos), proprietário daquela fazenda, segundo a revista Brasil Progresso de setembro daquele ano. Tempos depois recebeu o nome do seu ilustre morador.



Nesta rua funcionou a primeira igreja dedicada a São José Operário, dirigida pelos padres holandeses e que ficava na esquina da rua Izauro Bretas.

Francisco de Andrade Bastos presidiu a câmara municipal de 1931 a 1936 e exerceu o cargo de prefeito de 1937 a 1945. Era sobrinho de Durval Bastos e, portanto, primo do ex-prefeito Francisco Barreto e do farmacêutico Durval Bastos, dentre outros.

Ver mais em Chico Bastos.

FRANCISCO DE SOUZA LIMA, rua

(Joaquim Furtado Pinto) – A lei nº 1.768, de 14.11.85, de autoria do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende, dá denominação à via pública desta cidade, localizada no Conjunto Habitacional Dr. Joaquim Furtado Pinto, que no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua I. Liga a av. Tancredo Neves à rua Manoel de Almeida Lacerda, conforme o mapa da prefeitura, editado em 2000.

Francisco de Souza Lima nasceu a 14.03.1875 e faleceu no dia 12.03.1962. Era casado com Anna Ferreira Almeida e deixou 16 filhos. Foi proprietário da fazenda Bela Vista, no município de Leopoldina.

Anna Ferreira Almeida nasceu 10.02.1883, filha de Francisco Rodrigues de Almeida e Maria José Neto, neta paterna de João Rodrigues Ferreira Brito e Messias Esméria de Almeida, neta materna de Antonio Ferreira Neto e Maria Teodora Neto. O avô paterno, João, era filho de Bento Rodrigues Gomes e Ana Joaquina de Jesus. A avó paterna, Messias, era filha do Manoel Antônio de Almeida e Rita Esméria de Jesus. A avó materna, Maria Teodora, era filha de João Gonçalves Neto e Mariana Flauzina de Almeida, sendo que esta Mariana também era filha do mesmo Manoel Antônio de Almeida.

FRANCISCO FORTES DA SILVA, rua

(Bela Vista) – A lei nº 1.236, de 13.12.77, dá denominação de rua, à via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista consta como rua R, tem início na rua Wilson Berbari e finda na rua Joaquim Pereira de Oliveira.

Foi proprietário da chácara do Café Ema, na saída para Laranjal.

FRANCISCO LUIZ CORRÊA, travessa

(Ventania) – Diz a lei nº 1.402, de 13.12.79, que é esta a nova denominação da via pública que inicia na rua Nicolau Laluna e sobe obliquamente, formando um ípsilon com a rua anteriormente citada.

FRANCISCO LUIZ PEREIRA, rua

(Popular) – A lei nº 3.336, de 19.12.2000, dá denominação de rua à via pública desta cidade que, no mapa do loteamento do bairro Popular, situado às margens da BR-116, encontra-se identificada como rua D.

FRANCISCO PINHEIRO CORREIA DE LACERDA, praça

(Centro) - A praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda é a antiga praça Argirita, também conhecida como “rodo” ou, praça do posto V8. Fica entre as ruas Gabriel de Andrade Junqueira, José Peres, Custódio Junqueira e a avenida Getúlio Vargas.

Nela está o grupo escolar Ribeiro Junqueira, o chamado “Grupo Velho”.



A lei nº 437, de 25.07.1962, alterou os nomes da rua Riachuelo para Joaquim Ferreira Brito e o da praça Argirita para Francisco Pinheiro Correia de Lacerda.

Batizado 12.06.1791 na Igreja de Santo Antonio, Campanha-MG, Francisco Pinheiro Corrêa de Lacerda era filho de Álvaro Pinheiro Corrêa de Lacerda. Casou-se com Mariana Maria de Macedo, filha de Joaquim Ferreira Brito e Joana Maria de Macedo.

Seu tio Fernando Afonso Corrêa recebeu uma sesmaria a 13.10.1817, no córrego do Feijão Cru, distrito de Santo Antonio do Porto do Ubá, Termo de Barbacena, conforme Códice SC 363, página 190-v. Um outro tio seu, de nome Jerônimo Pinheiro de Lacerda também recebeu sesmaria com a mesma localização a 14.10.1817, conforme Códice 363, página 192-v.

Estas duas sesmarias foram divididas e vendidas pelos irmãos Francisco e Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda a diversos dos primeiros moradores de nossa região.

Uma destas vendas foi feita em 28.04.1834 a Manoel José Monteiro de Barros filho, para moradia de sua filha Maria do Carmo Monteiro de Barros, onde ela e seu marido João Ferreira da Silva formaram a fazenda do Desengano.

FRANCISCO QUEIROGA, rua

(Pinguda) – É uma homenagem a este motorista profissional que ficou bastante conhecido na cidade.

FRANCISCO SCHETTINO, rua

(Vale do Sol) – A denominação da via pública que no mapa do loteamento recebia o nome de rua B, ocorreu pela lei nº 3.477, de 2002.

Francisco era comerciante. Diz o Dicionário dos Sobrenomes Italianos, de Ciro Mioranza, que o sobrenome Schettino “designa cidadão sincero, aberto, claro, direto, verdadeiro”.

FRANCISCO SIQUEIRA BARBOSA, rua

(Vale do Sol) – A lei nº 3.317, de 06.11.2000, dá denominação à via pública que, no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua G. Esta rua tem seu início na rua Lydio Costa Reis e finda na rua H.

Francisco ou, Sinhô Barbosa, possuía uma empresa de transporte de cargas conhecida como “Comissário Barbosa”.

FRANCISCO ZAQUINE, praça

(Eldorado) – Esta praça fica no final da rua Sebastião Ferreira Lacerda, em frente ao CAIC. Seu nome decorre da lei nº 2632, de 30.06.94.

Francisco Zaquine tinha propriedade em São Lourenço onde explorava uma pedreira e extraía lenha para atender à estrada de ferro. Nascido a 20 de setembro de 1913 em Leopoldina, era filho de Antonio Zachini e Anungiata Toccafondo. Casou-se com Maria de

Lourdes Rodriguez, nascida a 08 de outubro de 1916, filha de Rafael Rodrigues y Rodriguez e Maria Gottardo.

Os pais de Chiquinho Zaquine passaram ao Brasil no final dos oitocentos, radicando-se inicialmente na região de Matias Barbosa onde faleceu Antonio. Annungiata Toccafondo, filha de Pedro Toccafondo e Mariana, nascida em 1878 no Marche, Italia, migrou para Leopoldina onde viveu com seus três filhos: João, Pedro e Francisco. Reunidos aos demais italianos que já viviam em Leopoldina, radicaram-se na Chácara da Coréia e posteriormente adquiriram um pequeno lote em São Lourenço que mostrou-se inadequado para a agricultura. A partir de então os filhos de Annungiata passaram a dedicar-se à exploração de pedreiras, sendo Francisco o encarregado pelo transporte.

FRANKLIN JOSÉ DA SILVA, rua

(Pirineus) – Começa na rua Cipriano Pereira Baia e segue em direção da BR-116. A lei nº 941, de 17.10.1973, “dá denominação de rua Franklin José da Silva à via pública que vai da rua Cipriano Baia ao corte da Rio Bahia.”

Franklin era funcionário público municipal.

FUNCHAL GARCIA, avenida

(São Cristóvão) – É a via que segue paralela ao córrego Jacareacanga. Recebeu este nome pela lei nº 1.393, de 16.11.79

Funchal Garcia era professor, escritor e pintor e ficou nacionalmente conhecido nos meios artísticos. É o autor do mural que retrata a lenda do Feijão Cru, pintado por ocasião do centenário da cidade, segundo Barroso Júnior.

No dizer de Mário de Freitas, em “Leopoldina do Meu Tempo”, o “laureado pintor Funchal Garcia era filho de Mariana Funchal, ex-moradora da praça Gama Cerqueira.”

Texto suprimido, inadvertidamente, do verbete sobre este logradouro na versão impressa.

Também Luiz Rosseau Botelho, em Dos 8 aos 80, refere-se a Funchal Garcia como “um rapaz da melhor sociedade de Leopoldina e [que] hoje é um grande artista, grande pintor Leopoldinense”.

Nascido em Leopoldina no dia 3 de fevereiro de 1889, era filho do português Alfredo Garcia Ribeiro, neto de Francisco Garcia e Ana Ribeiro Borges. Em 1896 Alfredo Garcia era proprietário da Casa de Pensão localizada na rua Tiradentes número 30, segundo o Jornal O Mediador, edição nr. 21 de 28.01.1896. Este mesmo periódico informa, em edição do final daquele ano, que junto da hospedaria funcionava uma padaria de propriedade da família Garcia.

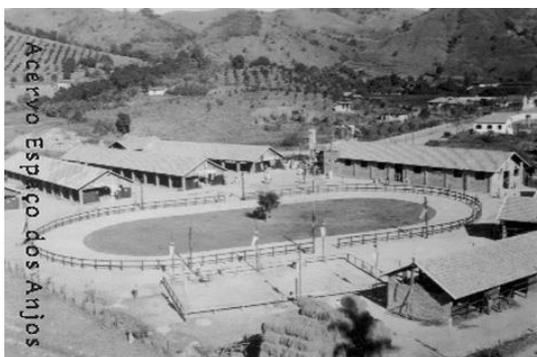
Alfredo casou-se com Mariana dos Prazeres Funchal, portuguesa, filha de José Antonio Funchal e Francisca Inácia Mendes, no dia 31 de janeiro de 1880 em Leopoldina. Segundo o já citado Luiz Rosseau, Dona Mariana continuou administrando a padaria após a morte do marido e era membro do mais antigo Centro Espírita de Leopoldina.

Além de Manoel, o casal Alfredo Garcia Ribeiro e Mariana dos Prazeres Funchal teve os seguintes filhos: Maria (1880), Silvandino (1882), Alfredo (1885), Aurora (1891), José (1893) e João Funchal Garcia (1895). Este último trabalhava no Posto de Profilaxia de Além Paraíba nos anos de 1920, sendo colega de trabalho e amigo de Luiz Rosseau Botelho, a quem conheceu na infância, ali na rua Tiradentes.

Silvandino Funchal Garcia nasceu a 02.11.1882 e foi casado com Esméria Ferreira, filha de João Batista Ferreira e Leopoldina Esméria de Almeida, esta filha de João Rodrigues Ferreira Brito e Messias Esméria de Almeida sendo, portanto, descendente de duas grandes famílias povoadoras do Feijão Cru: os Almeidas e os Ferreira Brito. Silvandino e Esméria foram pais de Paulo casado com Dea Malachini, Ruth casada com José Ribamar de Freitas, Maria Helena e Palmira.

GABRIEL DE ANDRADE JUNQUEIRA, rua

(Centro) - É a rua que liga a praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda à praça Félix Farage, no Parque de Exposições. A lei nº 402, de 25.05.1961 alterou o seu nome de Providência para Gabriel Andrade Junqueira.



Gabriel de Andrade Junqueira era engenheiro da Cia. Força e Luz Cataguases Leopoldina, fazendeiro e foi um dos fundadores da Cia. Fiação e Tecidos Leopoldinense.

GABRIEL MAGALHÃES, rua



(Rosário) – Começa na praça do Rosário e termina na praça Professor Botelho Reis.

Nos primórdios da história da cidade chamava-se rua Direita. Ligava o Rosário à praça Visconde do Rio Branco. Nesta rua ficava a escola de datilografia do professor Haroldo J. B. Freire.

O Dr. Gabriel de Paula de Almeida Magalhães foi um dos fundadores da Casa de Caridade Leopoldinense, segundo Barroso Júnior.

Francisco de Paula Ferreira de Rezende diz que o do Dr. Gabriel havia sido seu colega na faculdade de Direito de São Paulo, escapara de ser visconde e era um advogado bem sucedido em Leopoldina, em 1861 e foi quem o convenceu a se estabelecer na cidade.

Gabriel de Paula Almeida Magalhães nasceu por volta de 1835 em São João del Rei, filho de Francisco de Paula de Almeida Magalhães e Maria Carolina. Irmão de Ana Custódia que foi casada com seu primo Francisco Leite Pinto de Magalhães, fazendeiro em Angustura em 1872, filho de José Leite de Magalhães Pinto e Ana Silveira Leite. A 01.03.1862, em Conceição da Boa Vista, Recreio, Gabriel casou-se com Maria do Carmo Monteiro de Barros, filha do 1º Barão de Leopoldina e de Clara Maria de Sá e Castro.

GABRIELA, IRMÃ, rua

(João Paulo II) – A lei nº 2279, de 18.12.90, dá denominação de rua Irmã Gabriela à via pública desta cidade que no mapa do loteamento do bairro recebeu o nome de rua C, tem seu início na rua Prof. Conceição Soares Monteiro de Castro e finda na rua Padre José Domingues Gomes.

Segundo o Dr. Joaquim Furtado Pinto, em discurso transcrito pelo Dr. Joaquim Custódio Guimarães, no livro “História da Medicina em Leopoldina”, irmã Gabriela trabalhou na Casa de Caridade (Hospital) durante 16 anos.

Maria Tomázia ou, Maria Gabriela da Anunciação, nasceu em Ponte Nova, em 7 de março. Ingressou na Ordem das Carmelitas da Divina Providência. Possuía qualidades excepcionais e dotes de bondade que a tornaram paradigma da nossa sociedade. Iniciou sua vocação religiosa em Cataguases. Foi superiora dos hospitais de Viçosa, Cataguases, Aimorés e Leopoldina. Levada pelo saudoso padre José Domingues Gomes, transferiu-se para Raul Soares (MG). Após o desaparecimento do Padre, naquela cidade, Irmã Gabriela retornou para Leopoldina, onde faleceu e foi sepultada no cemitério Nossa Senhora do Carmo.

GAMA CERQUEIRA, praça

(Centro) – Oficialmente esta praça chamava-se Melo Viana. Pela lei nº 406, de 03.10.1961, recebeu o nome de Dr. Gama Cerqueira. Por um curto período afixaram nela uma placa indicativa com o nome de Juiz Gama Cerqueira. Mas, ela sempre foi conhecida como “Praça do Urubu”.



Dr. Caetano Augusto Gama Cerqueira foi o primeiro juiz de direito da comarca de Leopoldina. Sua ascendência é repleta de ligações com outras famílias leopoldinenses, embora nem todas citadas neste trabalho. Era filho de Cesário Augusto da Gama e Emília da Gama Cerqueira, casal que teve também os filhos: José Januário, Francisco Januário e Eduardo Ernesto da Gama Cerqueira. Sua esposa chamava-se Ana.

Cesário era filho de Caetano José de Almeida Gama e Ana Francisca da Silva Lima. Pais, também, de Maria Custódia Vilas Boas da Gama, Francisco de Paula Justiniano da Gama, Carlota, Mariana Augusta e Maria Carlota da Gama. Por sua vez, esta Maria Carlota era

mãe da Emília, casada com o Cesário, o que nos informa que a mãe do nosso Juiz era prima do marido.

Caetano José era filho de Manoel Gomes Vilas Boas, nascido em Santa Maria Maior, Barcelos, Braga, Portugal, falecido em Cassiterita, MG e de Inácia Quitéria da Gama, nascida em 1719 em Sacramento, Uruguai, falecida 17 maio 1772 em São João del Rei, MG. Este casal foi pai também de Ana Josefa da Gama c/c Nicolau Antonio Nogueira que é dos Almeidas de Baependi; Manoel Inacio de Almeida Vilas Boas e Gama, nascido em Tiradentes, c/c Emerenciana Elena de Santana; Antonio; Maria Inácia de Almeida; Catarina Joaquina de Almeida; José Luiz de Almeida Vilas Boas; Bárbara Inácia de Almeida e Inácia Quitéria de Almeida.

Manoel Gomes Vilas Boas era filho de Antonio de Vilas Boas e Domingas Gomes. Inácia Quitéria era filha de Luiz de Almeida Ramos e Helena Josefa Corrêa da Gama. Além de Inácia, este casal deixou os filhos: Caetano José de Almeida, Manoel de Paiva Muniz Neto c/c Luzia Ribeira de Almeida; e, Quitéria Inácia da Gama c/c seu parente Manoel da Costa Vilas Boas e mãe do poeta José Basílio da Gama.

Luiz de Almeida Ramos era filho de Manoel de Paiva Muniz e Maria Ramos da Costa. Helena Josefa Correa da Gama era filha de Leonel da Gama Bellens, natural do Alentejo, Portugal e de Maria Josefa Corrêa, casal também ancestral de outros leopoldinenses porque tiveram os filhos Francisca Josefa Corrêa da Gama; Josefa Antonia Corrêa da Gama; Antonia Josefa Corrêa da Gama; Teresa Josefa Corrêa da Gama; João de Almeida da Gama Bellens e Tome da Gama Corrêa

Manoel de Paiva Muniz era filho de Manoel João Muniz e Maria de Paiva. Maria Ramos da Costa era filha de Bento da Costa e Ana de Almeida Ramos. Maria Josefa Corrêa era filha de Antonio Francisco e Barbara Corrêa.

Ainda sobre a praça Gama Cerqueira, consta que um de seus primeiros moradores foi Antoine Urbain Levasseur. Assim foram descritas suas terras no Registro de 1856: *“N. 10 – Antonio Albino Levasseur he possuidor por titulo de compra de desoito alqueires de terras pouco mais ou menos, sitas n’esta Freguesia de São Sebastião da Vª Leopoldina, cujas terras devidense por um lado com o terreno da Villa por outro com Luis Botelho Falcão, por outro com D. Maria do Carmo Monteiro de Barros e por outro com o Dr. Antonio José Monteiro de Barros Villa Leopoldina dez de Março de mil oito centos e cincoenta e seis. O Vigº José Mª Solleiro”*

Veja mais sobre esta praça, no item “Urubu” no capítulo sobre os Antigos Logradouros.

GARIBALDI CERQUEIRA, rua

(São Cristóvão) – Liga as ruas Miguel Gesualdi e Antonio Carlos de Almeida Ramos. Seu nome foi oficializado pela lei nº 1.317, de 14.12.1978.

Garibaldi Cerqueira Filho, casado com Neuza Rezende, são os pais de Lúcia e Euler Rezende Cerqueira. Ele era filho de Garibaldi Cerqueira, nascido em 1883 em Belmiro Braga e de Laura Ramos nascida 21.08.1890 em Leopoldina. Neto paterno de João José Cerqueira e Rita Marcília. Seus avós maternos, Antônio José Alves Ramos e Amélia Carolina Pereira Pinto, são citados em outra parte deste trabalho por serem também ancestrais de Emílio Ramos Pinto.

Garibaldi era comerciante no ramo de tecidos com loja na rua Tiradentes. Foi, também, funcionário público estadual.

GENI BITTENCOURT DE ARAÚJO, PROFESSORA, praça

(Eldorado) – A lei nº 3.075, de 16.09.98, dá esta denominação para a praça localizada entre as ruas Elias Veiga e Argemiro Augusto Pinto Bittencourt.

GENTIL PACHECO DE MELO, rua

(Fátima) – Começa na rua Jonas Bastos. É a saída para o distrito de Providência.

O nome dessa rua surgiu com a lei nº 764, de 29.04.1971 cujo texto diz: “Fica denominada rua Gentil Pacheco de Melo, a via pública que parte da rua Jonas Bastos e vai até a estrada que dá acesso ao reservatório d’água Carlos Martins.” Este reservatório, hoje desativado, ficava logo acima da igreja São José.

Consta que Gentil era transportador rodoviário e residiu, durante muitos anos, na rua que recebeu o seu nome. Era casado com Emilia de Melo e deixou grande prole. Sua filha

Maria da Conceição Melo Pacheco era casada com João Locha, país de João Vicente Locha, nome de rua da cidade.

GERALDO ALVES FERREIRA, rua

(Jardim Bela Vista) – Foi através da lei nº 3.299, de 12.09.2000, que a via antes denominada rua 16, no mapa do loteamento, recebeu este nome. Ela está situada entre as ruas João Meneghite e Anderson Pereira Bela.

GERALDO CAMPANA, rua

(Centro) – A lei nº 2038, de 20.12.88 deu este nome à via que partindo da rua Cel. Olivier Fajardo, ao lado de terrenos de propriedade da Leocar Veículos, vai terminar na rua Acácio Serpa.

Geraldo Campana era geralmente conhecido como Geraldino Campanha. Industrial, possuía uma serraria no bairro da Onça, onde fabricava, principalmente, tamancos de madeira e vassouras de piaçaba. Sua serraria, inicialmente, funcionava na entrada para o bairro Boa Sorte. Posteriormente, esta indústria foi transferida para as proximidades da igreja de Santo Antonio (igrejinha da Onça), onde foi construída uma pequena vila de casas para abrigar alguns dos seus funcionários.

Nascido 22.10.1911, filho dos italianos Felice Antonio Campana e Carmina Massiglia. Casado com Maria Fofano, nascida 04.11.1913, filha dos também italianos Carlo Batista Fofano e Amabile Stefani. Era um dos entusiastas do jogo de malhas, em Leopoldina.

A família de Geraldo procedia da província de Brescia, região da Lombardia.

GERARDO FERREIRA REIS, DOM, rua

(Nova Leopoldina) – A lei nº 2.978, de 16.10.97, dá esta denominação à via pública desta cidade que tem seu início na rua Aloísio Soares Fajardo e finda na rua Sílvio Vitói.

Nasceu em Alpinópolis-MG, em 01 de outubro de 1911. Estudou no Seminário de Guaxupé onde mais tarde foi Reitor. Sagrou-se Bispo pelas mãos de Dom Inácio, também em Guaxupé-MG. Ao aposentar-se, por motivo de saúde, passou a morar no Carmelo de São José, em Passos-MG, onde faleceu.

Dom Gerardo foi o segundo Bispo da Diocese de Leopoldina, nomeado pelo Papa João XXIII. Assumiu o cargo em 15.10.1961.

GERÔNIMO SILVA, rua

(Vila Miralda) – Começa na rua Zinho Moraes. Diz a lei nº 1.523, de 09.10.81, que lhe deu o nome que ela é a única transversal da rua Cândido Augusto Veloso.

GETOMIR PEREIRA BELLA, rua

(Ventania) – Começa na praça João Bella. É a subida para a estação de tratamento de águas da COPASA. Recebeu esta denominação a partir da lei nº 1.475, de 10.10.1980, por indicação do vereador Wilson José Valentim.

Filho de Alfredo Augusto Pereira da Bella e Alexandrina, era neto paterno de Antonio Pereira da Bella e Henriqueta Maria Monteiro. Consta que este seu avô paterno possuía uma Padaria em Leopoldina em 1873.

Casou-se 02.05.1923 com Maria Genebra Sangirolami, filha dos italianos Giovanni Sangirolami e Giustina Borella, com quem teve sete filhos.

Irmãos de Getomir: Antônia, José casado com Teonilha Lomba, Sebastião casado com Santana Sellani, Zélia e João.

Ver família em Anderson Pereira da Bela.

GETÚLIO VARGAS, avenida

(Centro) - Liga a praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda ao início do bairro da vila Miralda, passando pelos bairros da Fábrica, Jardim Lisboa e Praça da Bandeira.



Até a década de 1960 era o leito da estrada Rio-Bahia. Nessa época, quando foi entregue à prefeitura, seu capeamento asfáltico foi substituído por paralelepípedos. Nela ficavam as principais oficinas mecânicas e os melhores bares e restaurantes que atendiam aos viajantes que transitavam pela rodovia. Ali, também, na esquina da rua Benedito Valadares, funcionava a sede do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem – DNER.

Getúlio Dornelles Vargas, ex-presidente do Brasil, nasceu em São Borja (RS), em 19.04.1883. Filho do general Manuel Nascimento Vargas. Concluiu o seu curso superior na faculdade de Direito de Porto Alegre, onde chegou a ser promotor público. Advogou em São Borja e, em 1909, elegeu-se deputado estadual e, em 1917, deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Foi ministro da fazenda do presidente Washington Luís e governador do Rio Grande do Sul. Em 1930 chega à presidência da república. Instala o Estado Novo e inicia grandes mudanças no país. Deposto, retorna ao seu estado natal onde é eleito senador. Em 1950 reassume a presidência do país e, a 24.08.1954 é levado ao suicídio.

Registre-se que o presidente Getúlio Vargas visitou Leopoldina em 24.10.1939, quando da inauguração de um trecho da estrada Rio-Bahia.

GILDA, vila

(Praça da Bandeira) – Fica no início da rua Emília Levasseur Rocha. Hoje, é uma série de casas geminadas e, ao que parece, abandonadas. A esta vila se refere a lei nº 481, de 28.05.1963, que dá nome de “Professor José Lintz à via pública, sem denominação, que liga a rua 03 de junho à vila Gilda”.

Segundo antigos moradores de Leopoldina, esta vila foi construída por Raphael Iennaco que, junto com Juraci Gesualdi, foram os pais de Gilda.

GONÇALVES NETTO, rua

(Quinta Residência) – Liga a rua Antonio Fernandes Valentim à avenida Jehu Pinto de Faria. Recebeu este nome pela lei nº 1.562, de 15.06.1982, do vereador Wilson Valentim.

É uma homenagem à família de Mozart Gonçalves Netto. Pai exemplar e pessoa querida no bairro da Quinta Residência, onde sempre residiu, Mozart se distinguia, também, pelo grande prazer em servir ao próximo, segundo consta na justificativa do projeto de lei. Nasceu a 22 de abril de 1896, filho de Pedro Gonçalves Neto e Ana Esméria de Almeida, neto paterno de João Gonçalves Neto e Mariana Flauzina de Almeida e neto materno de João Rodrigues Ferreira Brito e Messias Esméria de Almeida. Seu avô paterno, João, é o pioneiro da família, em Leopoldina. A avó paterna, Mariana, era filha de Manoel Antônio de Almeida e Rita Esméria de Jesus. O avô materno, João Rodrigues Ferreira Brito, era filho de Bento Rodrigues Gomes e Ana Joaquina de Jesus. A avó materna, Messias, era filha do mesmo Manoel Antônio

de Almeida e Rita Esméria de Jesus. Era casado com Carmen, filha de João de Vargas Neto e Enedina Apolinária de Souza, neta paterna de João Izidoro Gonçalves Neto e Cristina de Vargas Corrêa, neta materna de Francisco Alves de Souza Guerra e Francisca Apolinária de Souza Lima e deixou, segundo informação de Mauro de Almeida Pereira, os filhos: Glória, João Pedro c/c Maria Moraes, José Darcy c/c Maria Auxiliadora Almeida, Nanto c/c Maria de Lourdes Rodrigues e Sisson c/c Maria de Lourdes de Souza.

GRAÇAS, NOSSA SENHORA DAS, vila

(Dona Euzébia) – Fica na rua Lindolfo Pinheiro. A lei nº 2034, de 24.11.88, dá denominação de vila ao logradouro público da cidade que fica perpendicular à rua Lindolfo Pinheiro.

GRAMA, bairro

O bairro da Grama, que no dizer de Barroso Júnior é a nossa Santa Teresa (bairro residencial e agradável do Rio de Janeiro), é hoje formado pela antiga rua da Grama e todas as outras que existiam e as que foram surgindo nas terras da antiga fazenda da Grama, entre a praça Professor Ângelo, o parque Félix Martins e a rua Vinte e Sete de Abril.

A fazenda da Grama pertenceu ao alferes Bernardo José da Fonseca e, segundo consta, no ponto de encontro dela com as fazendas, do Desengano, da Cachoeira e da Onça, teria surgido a cidade.

O largo da Grama, ao qual se refere no Almanaque de 1887, é a atual praça Professor Ângelo.

Bernardo José da Fonseca foi um dos adquirentes de parte das sesmarias concedidas aos Pinheiro de Lacerda. Foi casado com Ana de Souza, irmã de Francisco e Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda. Faleceu antes de 1856 e suas terras foram divididas entre os filhos e vendidas a diversos antigos moradores. Parte delas pertenceu a João Gualberto Ferreira Brito que de sua propriedade fez doação ao patrimônio de São Sebastião. Acredito que esta parte estaria localizada onde hoje existe a Rua Lucas Augusto, daí a informação ainda não confirmada de que João Gualberto residiu na casa que hoje é a Prefeitura.

Filhos de Bernardo José e Ana de Souza que viveram em Leopoldina e foram antigos moradores do atual bairro da Grama: Álvaro José da Fonseca; João Evangelista de Souza; Urbano Fonseca; Felisbina; Evêncio José Fabrício da Fonseca; Balbino José; Severo José Galdino da Fonseca; Maria Joaquina; e, Galiano

Parece-nos que o único destes filhos que exerceu alguma atividade pública na cidade foi Severo José Galdino da Fonseca que, em primeiras núpcias, casou-se com Ana Custódia Tereza de Jesus, com quem teve os filhos João e José Gonçalves da Fonseca, Rita Custódia Neto c/c Francisco José de Lacerda, Joaquim e Maria Custódia de Jesus c/c Inácio Rodrigues da Silva. De seu segundo casamento, com Maria Leopoldina Leal, Severo foi pai de Zeferina Leal da Fonseca.

Ver rua da Grama, em Antigos Logradouros.

GUILHERME DE OLIVEIRA, MONSENHOR, rua

(Pedro Brito Netto) – A denominação da via que no mapa do bairro Pedro Brito Netto encontra-se identificada como rua A, ocorreu através da lei nº 2848, de 20.06.96. E diz a lei que esta rua tem seu início na rua José Rodrigues Werneck e finda na divisa do referido bairro.

Quanto ao homenageado sabemos que nasceu em Cachoeiro Alegre, distrito de Palma (MG), no dia 03.11.1916 e faleceu em 01.04.1995. Estudou no seminário de Mariana e ordenou-se padre, em 1947, na catedral de Leopoldina. Exerceu as funções de reitor do seminário Nossa Senhora Aparecida, em Leopoldina; chanceler do bispado; cônego, capelão do Asilo Santo Antonio e administrador diocesano. Foi educador de várias gerações de estudantes leopoldinenses. De 31.01.49 a 11.11.79, foi o diretor do Colégio Estadual Professor Botelho Reis (Ginásio).

GUSTAVO BARBOSA MIRANDA, rua

(Praça da Bandeira) – Liga a praça Zequinha Reis à avenida Getúlio Vargas. No passado esta rua fazia parte da rua Marechal Deodoro da Fonseca. A lei 652, de 31.07.1968, que dá denominação à rua da cidade diz que: “Fica denominada rua Gustavo Barbosa de Miranda, o

trecho da atual rua Marechal Deodoro da Fonseca que, partindo da praça Zequinha Reis (antiga praça da Bandeira), vai até a avenida Getúlio Vargas.”

Dois pontos de referência desta rua eram o bar Gato Preto, na esquina da avenida Getúlio Vargas e a padaria Marino, na esquina com a praça da Bandeira.

Gustavo foi fazendeiro e residiu numa chácara que existiu onde está hoje o bairro Jardim Lisboa.

GUSTAVO MONTEIRO DE CASTRO, PROFESSOR, rua

(Pirineus) – Liga a praça Gama Cerqueira à praça Alípio Assunção. É a subida dos Pirineus. No passado era conhecida como ladeira ou, rua dos Pirineus. Pela lei nº 646, de 25.07.1968, a antiga rua dos Pirineus teve modificada a sua denominação passando a chamar-se rua Professor Gustavo Monteiro de Castro.



O professor Gustavo lecionou no Ginásio Leopoldinense e residiu próximo ao início da rua que leva o seu nome. Foi casado com a professora Conceição Soares Monteiro de Castro, também nome de rua da cidade.

SUMÁRIO